

Leitura e liberdade nos escritos do jovem Nietzsche¹

Hélio Sochodolak*

Ler como médico para combater como soldado

Em sua autobiografia juvenil, Nietzsche nos ofereceu uma pista valiosa do método interpretativo que desenvolveu desde cedo em suas leituras e que aplicou inclusive a si mesmo. Tratava-se de uma descrição pormenorizada dos detalhes, acontecimentos ínfimos que a olhos sem treinamento, poderiam passar despercebidos. Assim como os olhos atentos do cientista natural se importam com os tipos das rochas e sua forma, com a flora, com a fauna, enfim com todos os detalhes possíveis de um dado território para compreendê-lo, também deveria ser o olhar daquele que desejasse contemplar uma vida humana e apreciá-la na justa medida.²

Não são os grandes acontecimentos, aqueles afortunados ou determinados por circunstâncias exteriores e fortuitas que devem guiar nosso julgamento, mesmo que, como os cumes das montanhas, eles são os primeiros que saltam aos nossos olhos. Ao contrário, são justamente sobre os pequenos acontecimentos e incidentes interiores que devemos firmar o nosso olhar.³

Seria preciso compreender o indivíduo como um todo

¹ O texto a seguir é parte integrante de minha tese de doutoramento, *O Jovem Nietzsche e a leitura*, na Universidade Estadual Paulista – campus de Assis, sob a orientação do professor Hélio Rebello Cardoso Júnior. Com pequenas alterações, o presente artigo reproduz parte do capítulo que recebe o mesmo título desse artigo.

* Departamento de História – UNICENTRO/Irati

² NIETZSCHE, F. *Ma vie de l'année 1863. In: Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 120.

³ *Ibidem*. p. 121.

a partir da experiência vivida. Mais do que os acontecimentos ruidosos, embora em algumas vezes eles sejam igualmente reveladores, os acasos, os pequenos acontecimentos, na maior parte das vezes interiores, seriam fundamentais para a compreensão do indivíduo. Tratava-se, fundamentalmente, de um método de autocompreensão que o jovem Nietzsche construiu. Foi com esta perspectiva que procurou abordar em sua autobiografia os aspectos essenciais para a compreensão de si mesmo. Por esta razão, na maior parte do texto, predomina o estilo narrativo.

A autobiografia *Minha vida* foi escrita ao longo de seu curso em Pforta (1858-1864) e de sua estadia em Bonn (1864-1865). Nela, Nietzsche apresentou raras inserções reflexivas, ao menos até 1863. Todavia, a partir de seu egresso de Pforta (verão de 1864) seu discurso assumiu, paulatinamente, um tom reflexivo e analítico. Talvez Nietzsche se sentisse mais seguro e livre para escrever o que pensava e, sem as amarras institucionais da velha escola, reconhecia na escrita a forma primordial de atacar o mundo que o cercava.

A escrita deixava de ser uma exigência escolar para tornar-se uma arma, uma ferramenta de combate. Também era entendida como uma forma de desabafo. Nietzsche estaria se apropriando dos exemplos infantis que tivera, especialmente do avô, com o intuito de provocar a maturação de si mesmo. Escrever, combater, ou seja, tornar-se adulto, “entrar por esta porta com a espada na mão”.⁴

O jovem Nietzsche passou a sentir uma atração e uma necessidade cada vez maior do conflito, este “alimento constante da alma, do qual ela extrai suficientemente a doçura e a saúde”⁵ Assim, o gosto pelo clássico que Nietzsche apresentava ultrapassou aquele postulado por uma filologia científica, uma vez que, não é no sentido último de conservação, mas de movimento, de conflito, do qual pretendia extrair o alimento do espírito que entendia ser a tarefa da filologia.

Naquele momento, para o jovem Nietzsche, a leitura e

⁴ NIETZSCHE, F. Sur les dispositions. In: *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 127-131.

a escrita possuíam papéis complementares: ler para o autoconhecimento e para sua própria maturação, escrever para desabafar e para combater as verdades naturalmente aceitas na sociedade. Esta perspectiva pode ser corroborada em muitos trechos de sua correspondência aos seus amigos, mais do que à mãe e à irmã. Destacamos uma carta, de 01 de abril de 1874, a Carl Von Gersdorff onde se pode ler:

Eu não procuro mais do que um pouco de liberdade, um pouco de ar respirável, e eu me defendo e me revolto contra todos os elementos de servidão, numerosos, indizivelmente numerosos que me afetam.⁶

Trata-se de uma revelação bastante importante onde o jovem Nietzsche expressou claramente os objetivos do autoconhecimento adquirido com a leitura e apontou seu maior objetivo ao fazê-lo desde há muito: livrar-se dos elementos não livres que podia perceber em si mesmo. Dentre estes elementos, poderíamos destacar os valores cristãos que vivenciou desde a infância e os limites colocados pela disciplina requerida pela leitura filológica, que se apresentava como um empecilho para uma leitura que pudesse libertá-lo. Trazia um temor e um propósito: O temor de morrer antes de poder cumprir a tarefa de libertar-se destes elementos não livres e o propósito de combatê-los também em seu tempo. Será que algum dia veria esta tarefa cumprida? Pergunta-se Nietzsche.⁷

Curar-se do mal que carregava em si, tornar-se médico de si mesmo, aprender com as experiências médicas que tinham se “eu” como “cobaia”, eis o objetivo que apontou numa carta a Gersdorff. “Em realidade pensamos muito pouco em nosso bem, nosso egoísmo não é bastante inteligente, nossa razão não é bastante egoísta...”⁸, ou melhor, tendemos a conhecer mais o que há de superficialidade nos outros do

⁵ *Ibidem.* p. 129.

⁶ NIETZSCHE, F. *Correspondance II Avril 1869-décembre 1874*. Carta 356. A Gersdorff: 01 de abril de 1874.

⁷ *Ibidem. loc. cit.*

⁸ NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 20. Carta a Gersdorff : 06 de abril de 1867.

que conhecer a nós mesmos. Então, com o intuito de aperfeiçoar o autoconhecimento e na certeza que isto seria uma pré-condição para o combate, Nietzsche apostou numa dupla estratégia: a convivência em uma comunidade que partilhasse leituras, escritos, valores e sentimentos; e o domínio de algo muito buscado por em suas leituras: um estilo próprio de escrita. Passemos a perseguir estas idéias a partir de sua correspondência.

Ler em comunidade

A primeira estratégia defendida pelo jovem Nietzsche pode ser observada na carta a Gersdorff, de 01 de abril de 1874. Com relação à necessidade de convivência ele enfatizava, por exemplo:

No outono – ouça bem, no outono! – é absolutamente necessário que nos encontremos novamente (...) somos seres aos quais é permitido “boire la joie - aux mamelles de la nature”. Diga-me então exatamente quando você poderá vir aqui.⁹

Assim, fazendo uma referência ao *Hino da Alegria* de Schiller: “todos os seres bebem a alegria nos mamilos da natureza”, Nietzsche destacou a grande valia dos encontros com os amigos, aqueles que partilham idéias e que possibilitam a alegria natural dos seres que se integram no todo.

Amigos que, acima de tudo, partilhavam escritos e se apoiavam mutuamente. Entre eles não poderia haver incompreensões, pois partilhavam de uma mesma chave de leitura. Reforçou esta questão afirmando: “O que escrevo passa por totalmente obscuro e incompreensível! Eu imagino que quando falam em perdição, falam daqueles que estão em perdição. E isso é certamente verdadeiro, mas onde estão eles, aqueles que estão perdidos?”¹⁰

Apenas aqueles que partilhavam as mesmas angústias

⁹ NIETZSCHE, F. *Correspondance II Avril 1869-décembre 1874*. Carta 356. A Gersdorff: 01 de abril de 1874.

¹⁰ NIETZSCHE, F. *Correspondance II Avril 1869-décembre 1874*. loc. cit..

seriam capazes de compreender os textos que aos olhos dos demais não passavam de obscuridades. Não podiam ser compreendidos! Então, esperava-se que “os iguais” entendessem os textos e que os demais se sentissem incomodados por eles! Nisto consistia a virtude do escritor nietzscheano.

O valor da amizade era muito grande para o jovem que compôs o *Hino à amizade*. Com uma convicção epicurista não cessava de cultivá-la através de cartas, mas também de encontros periódicos com o objetivo de debater as idéias. Prezava por sua comunidade de leitura com a qual trocava textos e opiniões. Recebia de bom grado os comentários e correções, como o demonstrou em suas cartas. Agradeceu a Gersdorff, por exemplo, as observações que este fizera nos seus textos, e apontou a satisfação de ter recebido as anotações de Rohde à *Segunda Intempestiva*. Observações que também seguiram para Gersdorff.

Nas observações de Rohde constava sua reprovação à falta de ligação entre algumas idéias, o que poderia deixar ao leitor, mais do que o conveniente, a necessidade de estabelecer tais conexões entre os pensamentos e as proposições. Trata-se de duras críticas ao estilo de escrita, mas que, ao que tudo consta, foram bem recebidas por Nietzsche que também queria saber a opinião de Gersdorff. “Segue junto uma bela carta de Rohde, onde poderás aprender uma série de coisas, retorne-a para mim na primeira oportunidade.”¹¹

Não se tratava apenas de medir a aceitação de um texto, mas de incorporar os comentários. Conclui Nietzsche: “O que seríamos sem os amigos? Poderíamos resistir aos golpes? Eu duvido.”¹² Sem amigos não só não seria possível suportar, como também não teria suportado outrora, confessa.

Numa outra correspondência endereçada a Rohde, datada do início de janeiro de 1869, Nietzsche sintetizou este valor que concedia à amizade. Através dela poderia

¹¹ NIETZSCHE, F. *Correspondance II Avril 1869-décembre 1874*. Carta 356. A Gersdorff: 01 de abril de 1874.

¹² *Ibidem*. Carta 356. A Gersdorff: 01 de abril de 1874.

estabelecer uma ponte que tiraria do isolamento o pensador solitário, aquele que, com olhar frio, penetrava as entranhas de todas as relações sociais conserdas frágeis e superficiais. Assim, afirmou Nietzsche, "... quem é solitário por um capricho da natureza, em razão de uma estranha mescla de desejos, talentos e aspirações, sabe que maravilha inconcebilmente elevada é um amigo."¹³ O amigo era o *Deus desconhecido* que merecia ser cultuado e elevado num altar.

Tudo nos leva a crer que Nietzsche não estimava seus amigos apenas porque com eles partilhava suas angústias. Necessitava deles, enquanto seus leitores, para se apoiar em suas críticas às instituições, no caso da *Segunda Intempestiva*, aos historiadores acadêmicos da Alemanha de seu tempo. Também gostava de dividir com eles os elogios ao seu trabalho quando estes ocorriam. Por exemplo, compartilhou com seu amigo Rohde os elogios que o Professor Plüss da Escola de Pforta fez ao *Nascimento da Tragédia* e à *Primeira Intempestiva* numa conferência acerca destas obras.¹⁴

Acima de tudo, Nietzsche exultava quando era visto, junto aos seus amigos, como *polêmicos lutadores*. A este respeito é de incomensurável valor a correspondência a Rohde datada de 19 de março de 1874. Nela, Nietzsche vibrou com o impacto de seus textos e compartilhou, também com Rohde, os elogios advindos de Plüss, mas vibra principalmente com "*uma longa e pesada refutação*" de Bruno Méier que o anunciava como 'inimigo de nossa cultura'.

Na mesma correspondência, apontou que Romuldt estava aderindo à causa de Nietzsche e de Overbech uma vez que, crescia nele, uma estranha aversão por toda a cultura. Ou seja, Nietzsche sentia prazer em ser chamado de inimigo da cultura alemã de seu tempo, em ser visto como polêmico lutador junto aos seus amigos.

Nos escritos autobiográficos e na correspondência,

¹³ NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 30. A Rohde : janeiro de 1869.

¹⁴ *Ibidem*. Carta 30. A Rohde: janeiro de 1869.

mais do que na obra impressa, Nietzsche nos forneceu indícios de que levava a sério a idéia de constituir uma *comunidade cultural*. É o que podemos observar desde os anos de associação filológica, seja da Germania, ou da Franconia, mas especialmente após o contato com Richard Wagner que de pronto identificou como uma amizade profunda e edificante. Os textos e a música wagneriana seduziram o jovem Nietzsche, tanto que ele identificou este autor como uma espécie de arauto de um novo tempo, de uma nova cultura.

Em agosto de 1865, despediu-se com um certo rancor da experiência com a última associação filológica, a *Franconia*, que havia ajudado a fundar com o incentivo de seu Professor Ritschl. Podemos ler na carta que enviou aos seus ex-correligionários em 30 de agosto de 1865:

Minha permanência na *Franconia* me parece, para dizê-lo sem rodeios, que tem sido um faux pas, especialmente no que se refere ao último trimestre de verão. Sobre esta questão, não tenho sido fiel ao meu princípio de não me entregar às coisas e aos homens sem antes conhecê-los muito bem.¹⁵

Sentia-se desconfortável com relação ao grande grupo, como podemos perceber, talvez porque não fosse possível conhecer profundamente a todos. Ao contrário, o jovem Nietzsche parecia prezar o convívio em pequenos grupos, pessoas bem conhecidas e com idéias afins. Em janeiro de 1866, por exemplo, escreveu à sua mãe, noticiando que sua conferência sobre Teógnis havia despertado grande interesse entre os filólogos, destacando o Dr. Kinkel e o professor Ritschl, mas que sentia mesmo grande prazer, quando com Gersdorff:

... Uma noite de cada semana lemos grego juntos e a cada duas semanas me reúno com ele e com Mushacke e nos entregamos a Schopenhauer. [E completa]: Este filósofo ocupa uma posição importante em meus pensamentos e

¹⁵ NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 11. A Mushacke: 30 de agosto de 1865.

em meus estudos. Meu respeito por ele cresce incomparavelmente.¹⁶

Isto indica que não se tratava de toda a convivência que atendia aos interesses de Nietzsche. Nem toda convivência possibilitava o autoconhecimento e a automedicação que Nietzsche desejava. Mas apenas aquela que dava prazer, composta por seletos amigos com afinidades de leituras, de idéias e de interesses. O interesse maior, o combate contra a “cultura filistina”, ou seja, a cultura manipulada pelo Estado. Mas percebia que isto seria mais eficaz em comunidade. Para tanto, expressou constantemente, neste período, a necessidade de convivência e comunhão de idéias.¹⁷

Entretanto, esta idéia de fortalecimento comum de pessoas que partilham um círculo de leituras e idéias e que poderiam investir numa revolução cultural parecia perder sua força no final do primeiro período da produção nietzscheana. Talvez, na proporção em que diminuiu sua crença nos sustentáculos dessa comunidade: Schopenhauer e Wagner. Ou melhor, na medida em que Nietzsche se frustrava com estas leituras e militâncias, a própria idéia de comunidade entraria em decadência em seus escritos. Mesmo que o elogio nietzscheano à amizade permanecesse com força no segundo período, jamais ela seria tão forte como o fora até fins da década de 1870.

Entretanto, para além da necessidade de amizade e comunhão de idéias que fortalecia o jovem Nietzsche, uma outra questão o rondava e demonstrava ser-lhe muito importante na comprovação de sua libertação dos elementos não livres. Trata-se do estilo. Era sobre esta questão que mais

¹⁶ Ibidem. Carta 13. À Franziska Nietzsche: 01 de fevereiro de 1866.

¹⁷ Ver em especial as cartas de: 03/09/1869 a Rohde; de 11 de março de 1870 a Gersdorff; de 15 de dezembro de 1870 a Rohde; de 19 de novembro de 1871 a Gersdorff; de 04 de fevereiro de 1872 a Gersdorff; de 20 de dezembro de 1872 à Malwida von Meysenbug; de 6 de abril de 1873 à Malwida; de 31 de dezembro de 1873 a Rohde; de 2 de janeiro de 1875 à sua irmã; de 21 de julho de 1875 a Gersdorff; de 14 de abril de 1876 a Rohde; de 24 de dezembro de 1876 a Reinhardt von Seydlitz; para citar apenas as que expressam explicitamente esta questão.

solicitava comentários a seus amigos quando lhes enviava textos antes de serem publicados.

O estilo

Numa carta a Gersdorff, escrita em abril de 1867, vemos claramente sua preocupação para com o seu estilo de escrita quando afirmou:

Nestas férias quero redigir meu trabalho sobre as fontes de Diógenes Laércio e estou, todavia, no começo. (...) te confesso que o que me dá mais trabalho é o meu estilo em alemão... Agora me caem as vendas dos olhos e vejo que durante muito tempo tenho vivido em estado de inocência estilística.¹⁸

Se não pudéssemos perceber esta preocupação com o estilo já na sua autobiografia e nos anos de ginásio, poderíamos dizer que este é o momento de sua gênese: *caem-lhe as vendas dos olhos*. Notamos, que é neste momento que o jovem Nietzsche analisou em si mesmo a máxima que sistematizou nas *Conferências sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*: de que se aprende por imitação. Ele havia aprendido assim. Agora desejava libertar-se desenvolvendo seu estilo próprio.

Na tentativa de escrever bem, revelou que lhe eram caros os estilos de Lessing, de Lichtenberg e de Schopenhauer, dos quais não conseguia se desvencilhar. “Meu único consolo, afirma, é que estas autoridades afirmavam unanimemente que é difícil escrever bem, que por natureza ninguém tem um bom estilo, que temos que trabalhar duramente para obtê-lo.”¹⁹ Desde cedo, Nietzsche prezou pela sua qualidade de expressão na sua língua. Acreditava que somente a partir da leitura dos autores clássicos e da atividade mimética seria possível atingir o estilo tão desejado. Somente com muito esforço seria possível consegui-lo.

¹⁸ NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 20. A Gersdorff: 06 de abril de 1867.

¹⁹ NIETZSCHE, F. *Correspondência*. *loc. cit.*

Nietzsche não desejava um estilo qualquer. Desejava escrever de uma forma artística:

Seria uma tristeza não poder escrever melhor e, sem embargo, desejá-lo ardentemente. Sobretudo, necessito libertar meu estilo... Tenho que aprender a tocá-lo como em um teclado, mas não apenas peças aprendidas, mas fantasias livres, toda a liberdade que seja possível, ainda que ilógicas, mas belas.²⁰

Claramente, o jovem filólogo, nos apontou seu maior desejo em seu esforço intelectual, desenvolver um estilo próprio de escrita que fosse apropriado, que soasse como música para quem lesse seus textos. Assim, ao processo de leitura lenta e artística, seguia um processo de escrita igualmente artística.

Neste sentido, estão presentes em Nietzsche, já neste momento, algumas questões que serão depois desenvolvidas em suas obras, nitidamente nas *Intempestivas*. Na longa carta de abril de 1867 que escreve a Gersdorff, ele apresenta suas três maiores preocupações. Em primeiro lugar, como vimos, a preocupação com o estilo. Em segundo lugar, vinculada a essa, a preocupação com o excesso de informações transmitidas pela leitura e que dificultavam uma sistematização das mesmas, e o que era pior, impediam uma visão de conjunto do conhecimento. Em terceiro lugar, a dificuldade de pensar a partir de leituras consideradas paralisantes.

Não é possível negar, com efeito, que a maioria dos filólogos carece daquela visão de conjunto da Antiguidade, e carece dela porque se situam demasiadamente nas bordas do quadro e se põem a investigar apenas um detalhe do óleo em lugar de admirar o resto, de aproveitar os grandes e audazes rasgos da pintura inteira.²¹

Curiosamente, podemos notar que, se outrora, quando egresso de Pforta, Nietzsche reclamava a falta de domínio de um campo particular de conhecimento, agora, ao contrário,

²⁰ *Ibidem. loc. cit.*

²¹ NIETZSCHE, F. *Correspondência. loc. cit.*

a especialização na ciência filológica era uma das grandes preocupações de Nietzsche neste período. Perguntava-se como poderia superar o particular e ver o geral. Como superar o excesso de informações particulares sobre a Antiguidade e vislumbrar o todo? Como não se perder no “labirinto do minotauro” sem o fio de Ariadne? Por isso, necessitava de liberdade, desvencilhar-se do excesso de especialização que podia perceber na formação que recebia neste momento (estava cursando filologia em Leipzig!).

A terceira grande preocupação de Nietzsche é igualmente relacionada às duas anteriores. Trata-se da impossibilidade de pensar a partir de leituras que impedem a liberdade do espírito. De leituras que desestimulavam o pensamento e impossibilitavam a saúde do corpo e do espírito. “Os cem livros que tenho ante mim sobre a mesa, são pinças incandescentes que esterilizam o nervo do pensamento independente.”²² Infelizmente não temos acesso a que leituras especificamente estava fazendo menção. Mas com certeza não se referia a Schopenhauer e os *Parerga e paralipomena*, uma vez que, no finalizar de sua carta, citou-o com elogios e fez uma analogia entre o que Schopenhauer escrevera sobre a filosofia universitária e a filologia universitária com a qual Nietzsche convivia. Na seqüência, afirmava estar frustrado por não ter obtido a licenciatura em filosofia com um texto baseado em Schopenhauer, *Sobre os esquemas fundamentais da representação*.

Notamos que as maiores preocupações pessoais do jovem filólogo giram em torno da leitura e da escrita de textos. Preocupava-se, sobretudo, se as mesmas estavam confluindo para seus propósitos, ou seja, o combate com elementos não livres que observa em si e num universo cultural em transformação que era o da Alemanha de seu tempo. Por isso, o estilo o preocupava tanto nesta fase e se prolongaria pelos demais períodos de sua produção filosófica.

Neste sentido, em abril de 1879, escreveu a Peter Gast a seguinte declaração, demonstrando sua grande capacidade de síntese a respeito deste ponto:

²² NIETZSCHE, F. *Correspondência. loc. cit.*

Medito sobre o estilo. Escreva para meu proveito e utilidade algumas observações sobre o meu estilo atual, do qual és o único conhecedor; sobre o que posso e o que não posso, sobre o perigo da afetação, etc. Temos que nos ajudar a nos fazermos melhor.²³

Apesar de não termos nesta passagem a perspectiva da *comunidade cultural* e da leitura com seu aspecto de revolucionário, notamos novamente a questão da amizade e de sua utilidade para o autoconhecimento e o fazer-se melhor. Nietzsche continuava apostando nesta idéia-força e encerrando suas atividades como professor universitário, com graves problemas de saúde, seria sozinho que haveria de lutar contra os elementos não livres de seu tempo.

Talvez seja na perspectiva da luta pela liberdade que possamos compreender melhor o rompimento do jovem Nietzsche com a filologia e suas idéias de revolução cultural. Segundo Nietzsche:

Para conseguir uma visão verdadeiramente livre de nossa velha cultura, temos que ascender a um bom caminho, lentamente, mas sempre adiante; para ele teremos que passar por várias ciências difíceis, especialmente pelas exatas em sentido próprio. Este avançar tranqüilo é a nossa máxima, e por minha parte quero muito mais... Parece-me que meus quatro pequenos trabalhos são exatamente como exortação e advertência; está escrito para jovens e para desejos jovens também²⁴

Para conseguir esta visão, a de um espírito livre, seria preciso seguir um lento caminho, uma vez que as amarras eram muito fortes. Seria preciso lutar contra os elementos não livres em si e na cultura. Daí a leitura e a escrita na conquista de um estilo primoroso para guerrear com o seu tempo. Tratava-se de amolar a espada para que o corte fosse mais profundo. Afinal:

E porque nós não queremos nada para nós, e não é porque temos uma boa e jovial consciência que podemos nos livrar do mais severo combate, nós queremos nos criar uns aos

²³ NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 129. A Peter Gast: 05 d abril de 1879.

²⁴ *Ibidem*. Carta 90. A Gersdorff: 21 de julho de 1875.

outros. “Somente o soldado é um homem livre”. E quem quer ser, ficar ou tornar-se um homem livre, não tem escolha “en avant l’épée haute”²⁵

Manter a espada levantada e combater para se tornar um homem livre. Nestas alegorias colhidas em Schiller de *O campo de Wallenstein*, sintetiza-se o objetivo de todo um processo de leitura e autodescoberta realizado pelo jovem Nietzsche. Em 1874, num momento em que já começava a fazer ressalvas sobre Wagner, encarava seus textos como um prólogo, como um treinamento para o combate, como um anúncio da guerra que estava para travar com o seu tempo e que poderia encontrar em Bayreuth um campo de batalha sem precedentes.²⁶ O soldado precisa treinamento para se tornar bom com a espada. Neste momento, a filologia como instrumento de leitura, uma “arma” que lhe fora útil outrora, contra elementos não livres em si, agora não possuía a mesma presteza e confiança. Assim, revela-nos: “... me ocupo da filologia quase como um artesão de seu ofício, quer dizer, como uma coisa que se pode exercitar em cada momento, mas sem pensar muito nela.”²⁷ Outras armas que tiveram relação com esta e que, a partir de meados da década de 1870, estavam sendo revisadas foram as leituras de Schopenhauer e de Wagner, mas esse assunto merece uma capítulo a parte.

Referências

NIETZSCHE, F. *Correspondance I. Juin 1850 – Avril 1869*. Textes établis par Giorgio Colli et Mazzino Montinari. Traduction de Henri-Alexis Baatash, Jean Bréjoux et Maurice de Gandillac. Paris: Gallimard, 1986.
 _____. *Correspondance II. Avril 1869 – Décembre 1874*. Textes établis par Giorgio Colli et Mazzino Montinari. Traduction de Henri-Alexis Baatash, Jean Bréjoux et Maurice de Gandillac. Paris: Gallimard, 1986.
 _____. *Correspondência*. Trad. Felipe González Vicen. Madrid: Aguilar, s/d.

²⁵ NIETZSCHE, F. *Correspondance II Avril 1869-décembre 1874*. Carta 360. A Carl Fuchs: 28 de abril de 1874.

²⁶ Referimos-nos aos escritos póstumos de 1874.

²⁷ NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 94. A Rohde: 07 de outubro de 1875.

Hélio Sochodolak

_____. *Écrits Autobiographiques. 1856-1869*. Textes e variants établis par G. Colli et M. Montinari. Traduits de l'allemand par Marc Crépon. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

_____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. 15 v. Herausgegeben von Giorgio Colli undazzino Montinari. Berlin/München: Walter de Gruyter & Co., 1988.

Leitura e liberdade nos escritos do jovem Nietzsche

Hélio Sochodolak

Resumo: O alvo deste artigo é o tema da liberdade e do autoconhecimento nos escritos autobiográficos e na correspondência do jovem Nietzsche, até o início da década de 1870. A leitura e a escrita indicavam um caminho para a liberdade, possibilitavam o autoconhecimento e o combate dos elementos não-livres que o jovem Nietzsche podia perceber em seu tempo e em si-mesmo. O jovem Nietzsche sentia a necessidade de libertar-se para desenvolver um estilo artístico de escrita, correspondente ao som de uma boa música, para isso necessitava de uma comunidade de leitores/escritores que pudesse partilhar objetivos e prazeres comuns.

Palavras-chave: liberdade, leitura, escrita, jovem Nietzsche.

Abstract: The aim of this article is the theme of freedom and the self in the autobiographic writings and correspondence of the young Nietzsche in the beginning of the 1870's. His reading and writing showed a path to freedom, possibility the self and fighting the non-free elements that the young Nietzsche could see in his time and even in himself. The young Nietzsche felt the need to free himself to develop an artistic style of writing, corresponding to the sound of good music, in order to do so, he longed for a community of readers / writers who could share common goals and pleasures.

Key words: Freedom, reading, writing, Young Nietzsche.

Artigo recebido para publicação em 20/11/2007

Artigo aprovado para publicação em 27/12/2007